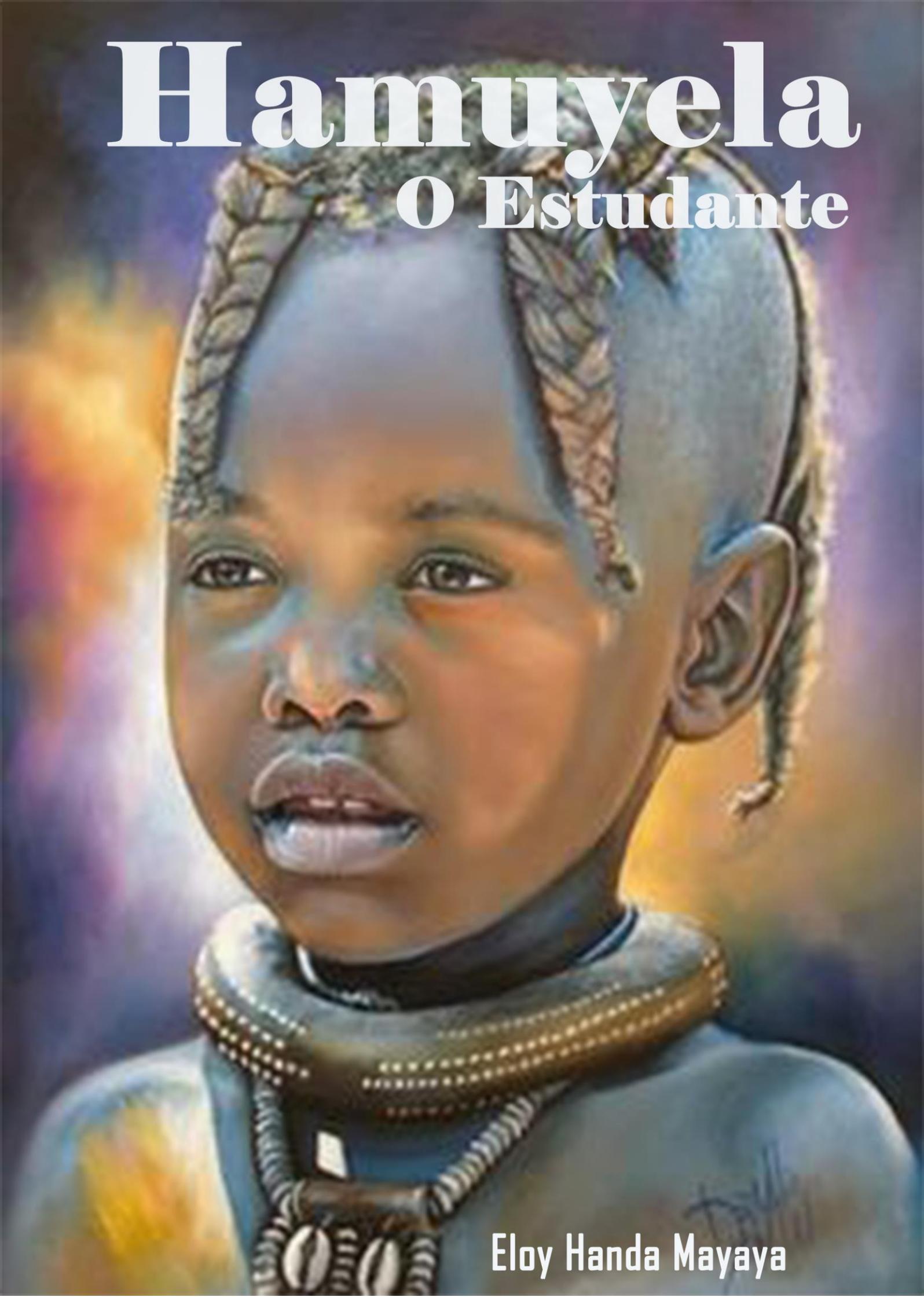


Hamuyela

O Estudante



Eloy Handa Mayaya

Hamuyela

O Estudante

Eloy Handa Mayaya

Ficha Técnica

Título: Hamuyela O Estudante

Autor: Eloy Handa Mayaya

Editora Digital: "ÁGUA PRECIOSA"

Texto: Verdana 12

Capa: Belson Hossi

Imagem de Capa: Pinterest

Revisão dos Textos: Abílio Lupenha

Lubango, 2022

Índice

Dedicatória	6
Agradecimentos	8
Apresentação	10
II	16
III	22
IV	28
V	36
VI	50
VII	56
SOBRE O AUTOR	62

Dedicatória

Dedico este livro:

-A todo amante de literatura;

-A todos os críticos literários que querem dar aos principiantes uma oportunidade de evoluir e brilhar no universo literário;

-A todo aquele que valoriza a Literatura Nacional, e crê que é possível, ainda que aos poucos, esta atingir altos patamares em todo o mundo e estar inclusa, de forma constante, no núcleo do sistema literário.

-Aos meus discípulos que na inocência incentivaram-me à escrita de versos. Vós fostes minha fonte de inspiração.

“Serei o que fui quando deixar de ser o que sou. Porque quando fui convidado para ser o que sou, era por ser o que era.”

«A história conta o que aconteceu, esta prosa conta o que deveria acontecer».



Agradecimentos

Em primeiro lugar, à minha querida mãe Helena Josefa Pedro, in memoriam, pela vida. Minha professora domestica, aquela, que sem ter tal intenção, introduziu-me nos meandros da literatura. Em seguida, a todos aqueles que contribuíram para que eu começasse a expressar em livros o que eu penso sobre o mundo, e como o vejo. Nomeadamente aos meus companheiros da Academia de Filosofia, ao Mecenaz "AGUA PRECIOSA" não esquecendo a *ASA HUÍLA* ACADEMIA DE AUTORES DA HUÍLA / LUBANGO / ANGOLA.



Apresentação

Os acontecimentos quotidianos, bons ou maus, fornecem-nos motivos para refletir e criar palavras, pensamentos, ideias. Aqui temos uma colectânea de pensamentos inspirados no decurso de contextos e épocas diferentes que sintetizam os impulsos da alma.

Hamuyela, o estudante

I

Bornito Hamuyela apressou o passo quando pôde ver a escola. Seu coração batia fortemente, de ansiedade. Por portas e travessas desse jornal misterioso, enigmático, chamado mujimbo, soube que já se encontravam afixadas as listas dos alunos admitidos à matrículas para ingresso naquela Escola Secundária. Sua ânsia era absolutamente justificada. Fazia já cinco anos consecutivos fora do sistema escolar, anos que pesavam como montanha, porquanto no dizer dos empregadores: "ou estuda ou trabalha, você é quem sabe"! E ele que tinha vontade mil para estudar e ver se ainda recuperava o tempo perdido! Quanta mágoa no coração ao ver os outros a fazê-lo, enquanto ele continuava engordando os bolsos do patronato, visto que a sua remuneração não era lá grande coisa! Quanta angústia ao ver que até os petizes a quem ele ensinara o ABC estavam lhe passando à frente!

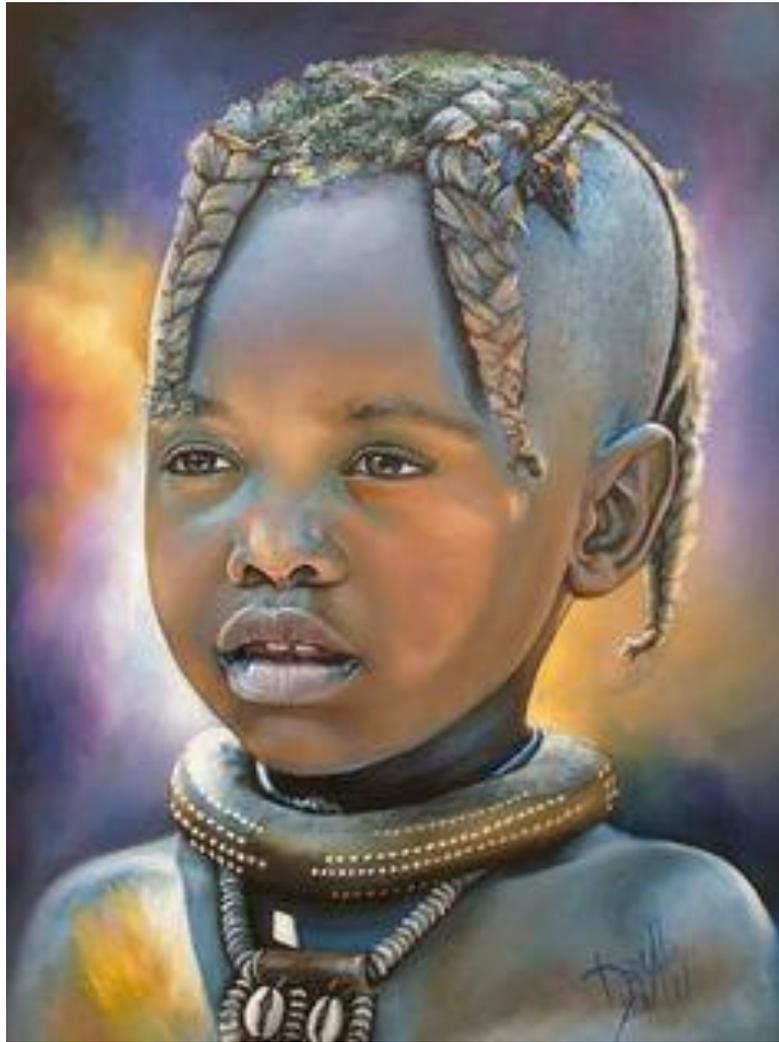
Mil e uma ideias assaltavam-lhe a cabeça enquanto se abeirava da escola. Sentiu falta de ar nos pulmões. De medo. O receio de não ter sido admitido era bem evidente, pois, a demanda era maior que a oferta. A chance de conseguir a vaga era remota e só de pensar nisso, suas axilas destilavam abundantemente.

Tendo chegado à vitrina do estabelecimento, passou rapidamente os olhos às listas dando maior ênfase às referentes aos nocturnos. As modalidades de admissão eram em essência: idade não superior a 18 anos, os ditos regulares, e só em última intância, os adultos e mesmo assim, para estes, as coisas não eram tão simples, porquanto, tinham de provar documentalmente que estavam ligados ao aparelho estatal, com prioridade à Polícia, às Forças Armadas, à Saúde e à Educação, todavia para todos os efeitos, a média mínima aceitável do nível anterior eram treze valores. Complicação! Acontece que o nosso herói havia já ultrapassado, demais até, a idade de aluno regular e para cúmulo não era um funcionário público nem tinha como média do nível anterior, a classificação exigida, logo, inapto à partida. Ao fazer a inscrição, estava apenas tentando a sorte, usando aquele último

recurso do homem: A Esperança. A esperança é a última a morrer, dizem. Esta mesma esperança que lhe dava fé, correspondida por uma voz interior que lhe dizia que apesar dos pesares era possível vencer. Para colmatar a falta de cartão de trabalhador do aparelho estatal, (pois, labutava no sector privado, em regime de turnos) lembrara-se que na empresa onde trabalhara antes, tivera sido obrigado a fazer uma formação de Bombeiro Voluntário e que, portanto, recebera um certificado por isso, passado pelo ministério do interior, órgão tutelar dos Bombeiros. Para o caso em apreço, procurara em seus arquivos o referido documento, na perspectiva de que talvez o tachassem como membro da Polícia porque continha a assinatura do delegado Provincial do ministério em causa. Sua esperança era que o júri revelasse desatenção! Tendo colocado tal certificado por entre seus papéis, esperou para ver o resultado. Exactamente ali, morava sua esperança e fé, caso contrário teria de ficar mais um ano no chão, conforme diziam os mais-velhos.

Foi, portanto, analisando lista após lista. Viu numa noutra, em outra ainda e nada! Seu coração pulsava cada vez mais, seu corpo tremia que nem varas verdes ao sabor do vento. Notou que diante de cada nome fazia-se menção da idade, só para uns: Fulano de tal 17 anos, beltrano, 16, sicrano, 15, etc, e que para outros nomes não se fazia caso disso. Aproximou-se da última lista. Estava tenso, tal qual um corredor dos 100m, antes da partida, que tivesse receio dos adversários. Esfumavam-se as esperanças. Subitamente, seu coração pulou dentro do peito, ao ver diante do número 17, o nome Bornito Hamuyela, o seu nome! Seria de facto dele que se tratava? Apenas um homónimo? Interrogava-se. Era verdade que seu nome era aquele, desde que viera ao mundo, mas... Mas faltava o nome do meio! Para avolumar ainda mais as dúvidas, não se indicava a idade! Que é que isto significava? Se a idade tivesse sido focada teria maiores garantias de ser mesmo ele porque era muito pouco provável dois charás terem a mesma idade, assim pensava. Também era verdade que todas as idades mencionadas eram de dezoito anos para baixo, o que significava que os que estavam sem *idade* já eram adultos de facto, tal como ele próprio? Considerados todos os factores associados, teria sido mesmo ele, o seleccionado? Alegria e dúvida pairavam na sua mente, ao mesmo tempo. Alegria porque parece que estava apurado. Dúvida, porque tinha sérias dúvidas, em função dos dados incompletos constatados. Ao lado via-se uma Circular onde se advertia que os indivíduos cujos nomes constavam

das listas deveriam fazer suas matrículas nos dois dias seguintes, acompanhados de toda documentação inerente, original, sob pena de perderem o lugar. Dias difíceis, esses, para se conseguir uma vaga no ensino, mesmo sendo um direito do sujeito e o ensino ser obrigatório, conforme diziam as leis e regulamentos. Onde habitavam agora aquelas palavras gloriosas que apareciam nos livros do ensino primário, aqueles, de capa vermelha e amarela, de que "Estudar é um dever revolucionário"?



II

O dia seguinte surgiu radioso, promissor, em colaboração com a alma de Bornito e não era para menos! Este dia poderia representar o início de uma nova etapa na sua vida, a de estudante do ensino secundário. Por isso, caminhava ele, decidido e animado. Que sorte tivera! Mesmo sem todos os requisitos preenchidos...

Hamuyela, que é Bornito, dirigiu-se ao hall do estabelecimento numa passada tímida; na verdade, era primeira vez que entrava no seu interior. O hall era vasto. Deu mais algumas passadas e notou que o edifício era em forma de rectângulo, um jardim e cadeiras de mármore ocupando o centro da estrutura. Gente muita enxameava o espaço. Circunavegou a cabeça para com os olhos ver se encontrava uma cara conhecida ou um rosto amigável a fim de obter informação, para onde deveria se dirigir. Não reconheceu ninguém. Era mais um, naquele aglomerado estudantil, quase todos com aquela aparência típica de caloiro: preocupados, perturbados, ansiosos...

Um contraste era bem visível: alguns candidatos, com ar triunfante, os apurados. Outros, arrasados, até no olhar, os não apurados. Esses moviam-se de um lado para outro, indolentes, incrédulos. Pareciam cães sem dono. Pertenciam em todas as idades, embora não de todas as cores de pele nem de todas classes sociais. Não arredavam pé, talvez ainda com esperança de vislumbrar um milagre que os tirasse da agonia de perder mais um ano lectivo, ou quiçá, que houvesse um apadrinhamento em algum funcionário, tudo era possível. Uma donzela, aparentando dezassete anos de idade, discutia com um membro da secretaria da escola, alegando não entender como é que tinha ficado de fora, sendo sub-18, quando até os sub-50 tinham sido apurados. Ela parecia estar muito fora de si, falava muito alto. Seu interlocutor gaguejava, parecendo estar num beco sem saída ao querer defender a sua casa, ou seja, a casa dos estudantes. Com a gritaria da moça, mais pessoas aglomeraram-se, uns, apreciando apenas e outros, a pôr *mais lenha na* fogueira, apresentando argumentos muito semelhantes, a falarem todos ao mesmo tempo. O funcionário da escola, esse, sentindo-se encurralado prometeu que a direcção iria rever alguns casos. Resolver mesmo ou apenas aliviar a pressão? Não se sabia. Era

preciso esperar, ou seja, esperar para ver, ou melhor, como S. Tomé, ver para crer. Mas uma coisa era certa: A barafunda protagonizada pela donzela tinha dado produzido resultado; dos gabinetes várias cabeças assomaram! Na mente de Hamuyela, que seguira com redobrada atenção o debate, pareceu um ditado, retirado não se lembrava donde: "Voz de burro não chega ao céu, mas quando o burro faz muito barulho, haverá pelo menos um santo que vai ouvi-lo".

Hamuyela subiu o primeiro andar. Filas diversas posicionavam-se diante de algumas salas. Nessas, outras listas eram visíveis. Pediu informações. Ficou a saber que as listas das vitrinas correspondiam com as de diante das salas e que só tinha de saber qual o número de sala em que estava inserido o seu nome. Conseguiu localizá-la. Um grupo de alunos aglomerar-se em torno de um funcionário empurrando -se, fazendo círculo em torno do mesmo. Este pedia calma, que todos seriam atendidos. Debalde! Foi o mesmo que falar a surdos. Todos aspiravam ser o primeiro não fosse o diabo tecer as coisas ao inverso! As pessoas ali presentes pareciam saber bem que, quem chega atrasado come pão seco.

Quando chegou a vez de Hamuyela, o funcionário depois de verificar rapidamente os papéis do candidato exclamou, ao ver sua cópia de reservista militar:

-Mas... o que é isto? Não consigo ler nada! O facto é que o referido documento se apresentava demasiado ilegível. Perturbação no espírito de Hamuyela. "Meu Deus, fazei com que isto não seja um impedimento", pensava ele, em oração silenciosa, mas ainda assim, balbuciou:

-Bem... A cópia saiu assim porque o original também está assim, o senhor compreende, este documento é irrenovável e é por isso que me faço acompanhar do original para confrontação. Pode verificar!

O funcionário pegou em ambos os documentos, analisando-os cuidadosamente, enquanto resmungava:

-Documentos falsos é o que não falta por aqui: certificado de Habilitações em nome de pessoas que nunca puseram os pés numa escola, trintões que só têm 17 anos de idade homens com nome de mulher... enfim, é preciso ver muito bem!

Não obstante isso, Hamuyela estava visivelmente preocupado. E se fosse rejeitado por esta falhazinha? É que Bornito Hamuyela fora militar e seu processo de passagem à reserva fora turbulento. Ocorrera numa cidade em pé de guerra. Quando lhe fora entregue o documento que atestava a sua passagem à vida civil, notara que este não se encontrava em boas condições, principalmente a fotografia. Tendo reclamado, haviam lhe sugerido que deixasse o documento a fim de ser reimprimido no dia seguinte. "Ah, não! Antes um toma que dois te darei"-pensara.

Afinal tratava-se do documento de maior relevância para um indivíduo do sexo masculino num país em tempo de guerra. Era a chamada situação *militar regularizada*.

-Ok, estás despachado, pode sair... o seguinte? - diz o funcionário.

Hamuyela sentiu um alívio incomensurável. Estava radiante! Finalmente já se podia considerar aluno do Ensino Secundário!

Neste país, ingressar nesse nível de ensino é uma autêntica roleta russa, é necessário ter muita sorte visto que muitos são chamados, mas poucos escolhidos, tal como na porta estreita, a caminho do Paraíso, pensou. Em cada candidato admitido, havia pelo menos cinco à cata do mesmo lugar, por isso, sua euforia era absolutamente justificada. Em seu redor o burburinho continuava, aliás, parecia aumentar de intensidade:

-Não empurrem -dizia um-, vocês já foram admitidos, qual é a pressa?

-Comecem já a conhecer os vossos futuros colegas-dizia outro.

-Isso é apenas o princípio das dores, quando as coisas começarem a aquecer, muitos de vocês desaparecerão que nem coelhos fugindo de lobos, esta escola é para pessoas de barba rija!
-Adverte o funcionário, entre sério e irónico.

Foi assim o início de uma epopeia que levaria quatro anos, se não chumbasse. Era o culminar de uma ansiedade, de voltar ao processo escolar. Ansiedade acumulada durante muitos anos com o agravante de assistir a progressão dos outros.

As aulas haviam iniciado com Bornito Hamuyela englobado, como era de esperar, no curso noturno. Encontrava-se diante da vitrina anotando o horário de aulas enquanto os outros alunos moviam-se: pressurosamente, uns, vagarosamente, outros, notando-se uma nítida diferença entre caloiros e veteranos: barulhentos, estes e discretos, aqueles. Bornito via confusamente a ortografia usada nos horários que, diga-se, não era das melhores, de jeito que interrogou quem mais próximo de si estava:

-Desculpe, isto aqui lê-se Física?

-Não! É Filosofia, Fi-lo-so-fi-a, aqui não há física!

Acabadas as anotações, Bornito encaminhou-se para a sala de aulas, onde encontrou somente caras desconhecidas. Sentou-se numa das carteiras vagas, mirando rapidamente ao redor. A sala era em forma de quadrado, demasiado ampla para o número de carteiras que ela comportava. Estas eram individuais, embora a maior parte delas estivessem em estado deplorável. A sala

apresentava-se pintada de cor verde, provida de duas janelas em cada lado lateral. Diante, uma lousa verde em bom estado. Cada aluno na sua carteira, com aquela aparência típica dos caloiros: Sisudos, sérios, introvertidos, esperando pelo professor, como se estivessem na expectativa do juízo final.

Aproveitando a inactividade, Bornito foi fazendo uma revisão mental dos últimos acontecimentos relacionados com o seu ingresso naquela instituição escolar. Sempre fora um indivíduo dedicado aos estudos mas que se vira forçado, por motivos alheios à sua vontade, ficar à margem. E que, como muitos, tinha de tomar uma decisão: ou estudar ou trabalhar. O ideal seria escolher ambas as coisas.

Trabalho sem estudo é como estar na corda bamba: a insegurança é patente e perene (se mesmo com estudos é o que se vê! Pensou), para mais, há toda necessidade de se aumentar o nível académico e profissional para fazer face ao prolongado período de dispersão sob pena de ficar atrás. Por outra, estudo sem trabalho, também é um contra-senso, tendo em conta os gastos inerentes ao processo escolar: vestuário, alimentação.... Vistas as coisas da parte de quem tem de contar com os seus próprios e parcos recursos. Sendo que não pôde fazê-lo antes, primeiro por razões laborais (só podia fazê-lo de noite e não havia curso nocturno), segundo porque se largasse o emprego seria desempregado e sem outra fonte de rendimentos, nada feito. A abertura do curso anterior apanhara-o totalmente desprevenido de jeito que não fora a tempo, regozijando-se contudo, pela sua existência e prometendo a si próprio que estaria "lá" no ano seguinte. Era agora o culminar do grande desejo.



III

Nesta cidade do Sul de Angola há apenas duas escolas secundárias: uma virada à Ciências de Educação e outra às Ciências Económicas e Financeiras. Hamuyela envidara todos os esforços para ingressar na primeira opção visto nunca se ter familiarizado com esta última, mas no derradeiro minuto preferiu acreditar na expressão: «Seguro morreu de velho», vai daí ter-se inscrito também na segunda possibilidade como alternativa em caso de eventualidade e foi o que lhe valeu.

O estabelecimento apresentava uma cor algo indecifrável, parecendo ter sido outrora pintada de verde. A estrutura era condizente, mas os níveis de degradação eram notórios; fissuras nas paredes, vidros quebrados, sendo que nos sítios mais vulneráveis substituídos por retalhos de caixotes de madeira. Com dois andares, além do rés-do-chão, resumidos em cerca de uma vintena de salas providas de carteiras mal conservadas e em número reduzido comparativamente à dimensão das salas. Era uma sombra do que já foi, tanto mais que até teve o nome dum herói do tempo do internacionalismo proletário. Constava que sair dali com aproveitamento era extremamente difícil; que os níveis de corrupção e compadrio haviam atingido proporções inimagináveis; que era uma escola para a classe média-alta; que só os brancos e mulatos é que conseguiam dar volta por cima. Bornito reflectia nestes pormenores quando entrou um professor. Era baixo, atarracado, completamente calvo, arrastando o ‘r’ na fala à maneira dos *langa-langa*. Usava calças e camisa brancas impecáveis; apresentava todo um ar rigoroso, janota. Um outro detalhe Hamuyela notou: o homem quase não tinha pescoço! Hamuyela conhecia bem essa classe de gente, são daqueles que raramente riem como se sua energia fosse exclusiva para coisas sérias. Encarando a turma de frente disse, disse, depois de saudar e pigarrear:

-Bem, meus alunos, serei...

-Desculpe professor-interrompeu alguém. - Nós não somos estudantes?

-Professor, não! Senhor professor, ou então, doutor, assim é que é. Isto em primeiro lugar. Em segundo, tu és aluno, entendido? E os demais também... Bem, como estava dizendo, sou o vosso professor de História das Sociedades, meu nome é Mavuba e assim, para ter uma imagem daquilo que já sabem, aplicar-vos-ei algumas perguntas. Aluno número 17, o que são países Não-Alinhados?

-Desculpe, senhor professor, antes que o colega responda eu queria...-Fez o aluno que achava ser estudante.

-Não me interessa o que tu queres - interrompeu o professor, contrariado. -Apenas já vejo que és mal-comportado, aliás, é sempre assim, quando se assume uma turma, o primeiro a mostrar a cara é o indisciplinado, antes mesmo do sábio. Agora cala-te, antes que te mande para a rua. O aluno indicado pode responder.

-São aqueles que...que ainda não alcançaram suas independências - responde o aluno.

-Errado! -Explode o mestre, exaltado. - O nº 10 pode responder à questão formulada?

-Países Não-Alinhados são aqueles que não querem ficar na linha - alude, convicto, o aluno indicado.

-Mas...qual linha, qual quê! Isto é um crime contra o Terceiro Mundo e o marechal Tito. Resposta errada. Dá-se o nome de Países Não-Alinhados, àqueles que no âmbito da Guerra Fria assumiram não se englobar em alianças militares, seja do bloco capitalista, seja do socialista, percebido? - Faz o professor chocado com a resposta fornecida pelo aluno.

-Mas, senhor professor, o que é Guerra Fria? - Questio-

tiona uma aluna com um sorriso de mulher nos lábios, visivelmente pintados a rocho.

-Depois Da 2ª Guerra Mundial explicou o professor recrudescer a batalha ideológica entre o Leste (socialista) e o Ocidente (capitalista). Fruto da rivalidade em matéria de interesses geo-económico-estratégicos, entre eles. Liderados pela U.R.S.S. e E.U.A., respectivamente, foram criadas alianças militares. Estas superpotências não se dignavam em digladiar-se directamente, preferindo fazê-lo por intermédio de terceiros, seus aliados, ou por actos bélicos limitados (ex: apoio a um grupo armado opositor de um regime inconveniente) ou ainda por insultos mútuos. A esta peleja indirecta, quase imperceptível, isto é, sem confronto directo, convencionou-se chamar de "Guerra Fria", esclareceu pacientemente o professor. Afinal não era esta a sua missão? - Agora quero ouvir outra voz feminina. Como te chamas jovem? Indagou ele, dirigindo-se à uma linda ninfa.

-Helena, senhor professor...

-Diga-me, Helena, o que representa a cor vermelha na bandeira nacional?

-Representa AMOR, professor! - responde vivamente a interpelada.

-Oh céus! A bandeira nacional não tem nada que ver com romances!

As risadas que se seguiram foram como um dique a explodir. O mestre visivelmente irritado recolheu seus pertences, dirigiu-se à porta para a saída, enquanto recomendava que alguém esclarecesse à fulana a resposta correcta.

Seguiram-se mais duas disciplinas, resumidas em apresentação dos professores. No final da jornada a turma encaminhou-se igualmente, ruidosamente à saída, aos grupos. Cada falante, sentindo-se na obrigação de elevar a voz para que pudesse ser ouvido pelo receptor, tal era o murmurar, alguns comentando ainda a

história da cor da bandeira. Atendamos então a outros excertos de conversa.

-Que achou do professor de História Social? - Questiona Bornito Hamuyela à colega que lhe estava mais próximo.

-Nada mau, pude entender bem a guerra gelada...- responde Kassova - mas gostei do de Língua Portuguesa, tão jovem, tão giro...

-Não é guerra gelada, é guerra fria! É assim que dizem teres entendido? Cá por mim não vou com a tua preferência, não gosto de ter professor miúdo. Com este tipo de professor até me sinto prejudicado! - Desabafa Hamuyela com desdém.

-Não sejas injusto, ele parece tão bonito, tão fofo! - Diz Kassova, enlevada, parecia estar a sonhar.

Vocês, as mulheres, só entendem de fofos, basta que alguém tenha a pele clara para ser classificado de bonito e fofo! - Resmunga Bornito.

-Nada disso, não te esqueças que a beleza está nos olhos de quem vê, e a vocês, homens, falta visão, muita visão!

* * *

A alegria inicial de ter voltado ao sistema de ensino foi dando lugar a uma angústia à medida que os dias iam passando, como uma equipa de futebol que sofre um golo, logo depois de ter marcado, de jeito que, depois de algumas semanas Hamuyela sentiu-se entre a espada e a parede, apesar da sua reconhecida força de vontade. O motivo é que mais uma vez estava diante do dilema "ou estuda ou trabalha", visto o período laboral ser o mesmo que o escolar, trabalhando em regime de turnos. No princípio julgara poder aguentar a situação de assistir às aulas quando estivesse de folga e copiar a matéria quando estivesse em serviço, era uma luta a dobrar. Num belo dia, desesperado, dirigiu-se à mãe a fim de partilhar o desgosto. Os pesos tornam-se leves quando partilhados.

-Mãe-, balbuciou - acho que vou desistir, isto está cada dia mais difícil, começo a ter cada vez mais dificuldades para entender a matéria; é que copia-la não é o mesmo que estar na aula ouvindo as explicações dos professores.

-Hum, - fez ela com reprovação. - Por que é que não acertas com um dos teus colegas de serviço...quer dizer, fazendo o seguinte: concertam na elaboração de um horário só vosso: o colega faz-te cobertura nos dias em que tens aulas e tu suportas os custos da alteração?

-Aí está uma grande ideia! - Exclamou Bornito - Como é que não pensei nisso? Se bem que deverei perder muito dinheiro.

Mais uma vez a "solução maternal" veio ao de cima. Por trás de um grande homem há sempre uma grande mulher, dissera alguém, e aí estava um facto a comprová-lo. Imediatamente pôs-se a caminho, ao encontro do seu parceiro de secção, o único com quem podia contar. De caminhada foi fazendo votos que seu colega fosse sensível, porque de contrário teria pouquíssimas chances de conciliar ambas as actividades, em simultâneo.

Encontrando-o, pô-lo, sem rodeios, à corrente. Este ouviu-o calmamente, em silêncio, enquanto o coração de Bornito Hamuyela batia descontroladamente, tal qual um tambor em dia de carnaval. Suas pernas tremiam como varas verdes ziguezagueando ao sabor do vento. Bornito parecia estar esperando pelo "sim" de uma donzela. Sua vida escolar estava nas mãos do colega!

-Bom, neste caso quanto é que me pagarias pelo dito pacto?

-Um dia de salário por cada dia de trabalho, porque a cobertura não ocorreria sempre, há a época de férias...

-Nada, nem pensar! Que tal 1/3 do total do teu salário. É pegar ou largar. Férias, feriados, ou seja, lá o quê, é assunto teu!

-Bem... Acho que posso aceitar, se bem que parece de

certa forma exagerado! - Contrapõe Bornito, com um sorriso forçado, tentando regatear.

-Exagerado, coisa nenhuma! Quem veio ao encontro de quem? Aquele que tem diarreia é que luta com a porta.

- 'Tá bem então. - Diz Bornito, com ar de criança quase em prantos.

-Ok, negócio fechado. E outra coisa: no momento em que eu tiver preocupações não há trato: doenças, viagens por exemplo. Estás de acordo?

Hamuyela, o Bornito, estava de acordo. Que havia de fazer mais? Negociação envolve cedências em ambas as partes. Sua face revelava relutância, mas o coração estava cheio de júbilo. Ganhara! Sua situação era tão delicada que pagaria qualquer preço. Regateara apenas por formalidade, qual diplomata em negócio de Estado: obter lucro com menor custo possível.

IV

Um dos atractivos do processo escolar é conhecer novas pessoas, fazer novas amizades. No início do ano escolar, numa turma, quase sempre ninguém conhece ninguém. Todos se encaram como estranhos. Depois, à medida que os dias vão passando, os novos relacionamentos rebentam como diques em tempo de chuvaradas. Cresce a camaradagem entre o corpo discente e o corpo docente, numa forma espontânea, natural ou até intencional, afinal interesses comuns fazem alianças, ou seja, os interesses comuns constituem o alicerce duma amizade.

Nesse ínterim, involuntariamente, Bornito teve a atenção concentrada numa certa camarada de turma, já não tão jovem, trinta na aparência. De altura mediana, clara, calada, enfim, tinha todo um ar de pessoa decente, notando-se com maior dimensão este carácter na forma como se sentava: um sentar decente, era capaz de ficar duas aulas consecutivas sem mudar de posição. Joelhos encostados um ao outro, dorso direito, olhar fixo e atento, de beleza natural. Mesmo não sendo a mais moça da turma - havia outras de menor idade, algumas sem terem atingido ainda os vinte anos - ultrapassava à quilómetros as demais em encantos físicos. Hamuyela, como era do seu hábito, postado na parte traseira da sala, encontrava-se em situação privilegiada para poder contempla-la sem ser observado. De nome, Helenilde, era funcionária pública. A amizade nascida foi natural e espontânea.

Já a Domingas é a animadora da turma. Poderosíssima em Matemática, a moça mais pacata, mas paradoxalmente muito extrovertida quando atçada.

A Bernardeth, a madre discreta, também ela barra em Matemática e mais: dos alunos mais equilibrados da turma, no conjunto total das cadeiras. Aluna capaz de receber a informação, transformá-la em conhecimento com facilidade surpreendente. Poucos lhe chegam aos pés.

O Abel, o barra em Inglês, rapaz que coloca os professores em sentido, tal como o Leonardo, se bem que este se destaque em Matemática. Enfim, brotavam amizades. Formavam-se

grupos. A equipa de Hamuyela se compunha, o trabalho em equipa se consolidava e a equipa virá a ser decisiva na recta final da odisséia.

Já passavam das 22h, a turma acabava de assistir à última aula. Bornito dirige-se à saída. Uns garotos aparentando terem menos de dezoito anos estavam encostados um ao outro, tiritando de frio, junto à parede, não usavam uniforme, sinónimo de que não eram da instituição. O frio era de rachar, frio de junho, os rapazes tremiam. Enquanto Hamuyela aguardava por Carmelita, que ficara a regatear qualquer coisa com outro colega, Bornito Hamuyela observava os infelizes rapazes. Aproximou-se deles uma jovem de cerca de vinte anos. Já saí, ainda pega a minha mochila enquanto dispo a bata, falou ela, dirigindo o olhar para um dos moços. Com que então os meninos vieram buscar a mana, pensou Bornito, observando o trio, devem ser irmãos, por conseguinte os meninos vêm dia a dia à busca da mana, coitados. Um deles, olhando uma mini-pauta afixada comenta:

-Ó mana, veja, afinal tiveste nota zero!

-E então - defende-se a jovem. - Zero não é nota?

-É nota para alguém, como eu por exemplo, que não estudou essa matéria - ralha o miúdo. - Agora você, todos os dias ir à escola e tira nota zero?

-Por que é que não. Zero é nota de quem anda na escola. Quem está em casa não tira nem zero!

-Ó mana -insiste o irmão, - até fazes-me lembrar certo colega que tive no ano passado. O dito cujo era tão fraco, tão fraco, que, dizia-se, até tinha em sua casa, uma galeria de negativas!

Por entre risadas dos rapazes, o trio atravessou o portão para enfrentar a noite e os perigos dela. Quando Carmelita finalmente chegou, Bornito quis se dar de engraçado:

-Diz ainda, Carmelita, já alguma vez alguém te disse o quanto os teus dentes são bonitos?

Ela olhou-o desconfiada, como se nunca esperasse esse tipo de fantasia de linguagem. Dirigiu-lhe um olhar curioso, frio. Naquele olhar havia um lampejo de animosidade. Bornito Hamuyela notou-o, todavia ela respondeu com um sorriso revelando uns lábios pintados à rosa, depois ela apagou o sorriso e fixou-o com azedume. Hamuyela deu-se conta que mexera na colmeia, o tiro lhe saíra pela culatra, mas já era tarde de mais.

-Já sim! Por acaso você tem algum dente feio?

-Eu...não, bem...só quis...-balbuciou Bornito, humilhado.

-Está bem, esquece - fez ela, voltando a abrir sorriso que lhe era peculiar. - Pagas um *hambúguer*? - Pediu, no momento em que passavam perto de uma lanchonete ao pé da estrada. Agora foi a vez de Bornito mostrar azedume.

-Que é? Por acaso estás a me ver com cara de Programa Alimentar Mundial ou de Fundo Monetário Internacional?

-Calma, seja cavalheiro! - Suavizou Carmelita, sorrindo, dando-lhe uma palmada nas costas. - Tens de aprender a agradecer uma beldade como eu!

Hamuyela preferiu fazer orelhas moucas.

-Então? Já sabes das últimas? Violaram mais uma outra moça no bairro do Hospital, também era aluna noturna, tal como nós!...-diz Antoninha postada à porta olhando a colega.

-Mais uma? Oh meu Deus, temos de anular a matrícula e esperar que a poeira assente e bem, isto está mal! -Responde Vissolela, a mais baixinha da turma.

Ultimamente a cidade vinha sendo infestada por notícias

desse género, colocando em pânico a camada estudantil nocturna, cujo horário ia até às 22h30 e a larga maioria deles vivendo em zonas periféricas da cidade, as mais perigosas. Zonas de pouca ou mesmo nula iluminação. Para alguns, tais revelações não passavam de boatos provenientes de pessoas em delírio enquanto para outros, eram factos verídicos. Segundo se dizia, primeiro os meliantes violavam, para a seguir, roubarem e matarem suas vítimas para apagar as pistas. Era uma sequência de "dizem que", "diz-se" e nunca, o "sicrano disse". O "dizem" é o epicentro do boato. Ou a ponta solta do *iceberg* às vezes, quer dizer, o fumo do fogo que não foi visto.

O facto é que ninguém estava em condições de fornecer mais pormenores. De qualquer forma, por precaução, a Polícia de ordem pública emitira um comunicado no qual se fazia apelo de que os estudantes nocturnos andassem em grupos. O propósito era evidente: desincentivar tais violadores a essas práticas covardes e criminosas.

-Não vamos exagerar, desistir? Nem pensar! – Conforta Antoninha. - Sabes, estou até a pensar em trazer sempre comigo uma faca, se o *gajo* se colocar sobre mim...

-*Good afternoon*, classe! - Saúda o recém-entrado, interrompendo o angustioso diálogo.

-*Good afternoon*, teacher! - Respondem as quarenta e tantas gargantas para o professor de Língua Inglesa que acabava de entrar a fim de cumprir com a sua aula. O professor notou a tensão no ar e quão a sala estava vazia e questionou:

-Por que é que há tanto absentismo hoje?

-É que já são quase 22h e a maior parte dos colegas já se foi, o senhor compreende...com o clima de insegurança que se vive no momento...antes prevenir que remediar, não é, colegas? Afinal de contas, de noite todos os gatos são

pardos! - Diz Afonso Ndala, mais para o professor dar borla do que em solidariedade para com os ausentes.

-*None of that* (Nada disso)! Ainda só estão a violar raparigas. Então por que motivo os homens também se foram? - Replica o professor, sem obter qualquer explicação. - Bem, vamos ao que nos trouxe aqui.

-*Yes, teacher* - diz Bornito, esforçando-se em ser coerente e entendível. - *Teacher, when we can use "among" or "between"?*

-Ora, "*among*" é usado quando se trata de algo no meio de muitos, e "*between*" aplica-se quando a coisa está no meio de dois elementos...ei, vocês os dois, que murmúrio é esse? Quando um burro fala, os outros baixam as orelhas, dá para perceber? - Interrompe-se o professor, depois de flagrar os dois alunos que se encontravam em paleio paralelo.

-Desculpe senhor, eu estava...- Balbucia um deles, levantando-se respeitosamente.

-Não interessa! É assim que se aprende a não aprender. A atenção é o portão da inteligência. O vosso colega coloca uma questão interessante e senhores põem-se a colocar! Prestar atenção é muito importante. Lembrem-se: quando enterrem a mãe de alguém, vai lá ver como é que se faz, para quando chegar a tua vez de fazê-lo, saberes como é que se faz, portanto, o alerta é extensivo aos demais!

Esse professor é um tipo baixote, quarentão, mudava a cada instante a tonalidade da voz, ora berrando a plenos pulmões, ora empregando uma voz tão suave quanto feminina. Era tão meticoloso no atavio, na limpeza e no posicionamento corporal que para voltar a cabeça tinha de rodar o corpo todo. "*O professor que sabe vestir*", viria ser o epíteto mais sonante que Bornito ouviria posteriormente. Bom disciplinador, tão severo que certa vez não teve pejo em esbofetear um discípulo de Bornito devido ao mau comportamento! Os alunos viriam notar isso à medida que o ano lectivo voava.

* * *

A noite é ainda uma criança. Na sala de aulas, Bornito Hamuyela e seus colegas preparam-se para mais uma aula. Muitos, depois de um árduo dia de trabalho. Esperando pela chegada do professor, entregam-se às diversas tarefas: revisando a matéria, uns; tagarelando ruidosamente, outros. Um endiabrado rapaz foi ao quadro preto, ou melhor, verde e escreveu: Frase do dia, " Novas eleições", querendo referir-se à necessidade de se eleger um novo delegado de Turma, pois o actual é tido como pouco actuante, só para não dizer incompetente. Tinha sido indicado por um dos professores por ser o mais adulto da Turma. A frase motivou uma boa dose de risadas e aplausos entusiásticos, de condescendência, como é bom de ver, mas parecia que o verdadeiro motivo era de os demais não suportarem a postura do delegado: aparência de quem vive na periferia, demasiado tímido para enfrentar os docentes, sobretudo o seu sotaque; próprio de quem aprendeu o português já adulto, de jeito que quando ele falava, não faltavam cochichos e risadinhas...e ele que falava tão alto!

Súbito aparece à porta a figura o director da Escola enquanto as gargalhadas e murmúrios desaparecem pelas janelas como que por encanto. Agora era o silêncio a falar mais alto. Um silêncio inacreditável a julgar a barulheira de há pouco! Dizia-se que o homem era um terror. Invadiu a sala. Os alunos puseram-se em pé, como mandam as regras. Sem sequer saudar, o mwata pediu, melhor, ordenou que todos se sentassem e que cada um se mantivesse onde estava. Percorreu silenciosamente os diversos corredores com os olhos em cada canto. Dir-se-ia que queria absorver e engolir a sala e tudo que ela continha, incluindo os alunos. Estes observavam e esperavam com não menos atenção e apreensão. Não era normal um director aparecer de rompante numa sala de aulas. Bornito olhou com o rabo do olho a figura do alto mandatário (quem ousaria olhá-lo cara a cara?). Viu naquele olhar, algo inquietante, percebeu que havia algo de errado com a Turma. Afinal não era para menos: o alto mandatário do estabelecimento em carne e osso numa simples turma! Concentração de poderes ou simplesmente querer aparecer?

-Tu, nome e número? - indagou incisivamente ao primeiro azarado.

-Eu? *Ahn*, sim...- Gaguejou o interpelado. - Meu nome é Manuel Kapele, senhor.

-Como se chama o aluno que se senta depois de ti?

-Pedro Timóteo Ekuvi, número 16 - foi a resposta fornecida, relutantemente.

E assim foi prosseguindo o interrogatório cujo objectivo, afinal, era obter elementos acerca do estado das carteiras, que apresentavam pregos e/ou parafusos em falta...! E logo chegou a vez de Hamuyela, que se dando conta da razão da querela, tentou safar-se do dilema, procurou explicar que estivera ausente no dia anterior. Qual ausência, qual quê, diz, mas é o número e nome, foi o berro que ouviu. Se em Direito "*a ignorância não tira culpa*", para o director "estar ausente no momento de escaramuça não retirava cumplicidade". É que no dia anterior, alunos arruaceiros haviam revirado os móveis da sala, deixando-a de patas p'ro ar, semeando o caos e a destruição. A delegada adjunta, querendo talvez levar à inculpabilidade, levantou-se para dizer que, durante a tarde de parte à secretaria da escola, informando sobre o estado deplorável em que se encontrou a sala, pois fora a primeira a chegar no espaço, desmandos que teriam ocorrido, portanto, no turno anterior, o da tarde. Resultado: a emenda saiu pior que o soneto! Ironicamente foi a tal chamada de atenção que conduziu o Director à sala. Quem a mandou denunciar? Bem feito! Às vezes a honestidade custa caro. É o que dá meter-se onde não foste chamada e agora estamos todos nessa enrascada, monologou Bornito, de si para si, profundamente abatido.

-Vão pagar por cada parafuso, isto para aprenderem a respeitar o património escolar - berrou ainda o director.

-Mas...Já encontramos as coisas desse jeito, e até foi a nossa colega que deu parte! - Refuta Carmelita, reforçando na explicação que já fora pronunciada pela sub-delegada, qual ad-

vogada do colectivo, lembrando ao Director a origem da complicação - não é justo...

-Ah é? -Replica o Director. - E quem me garante que os dos outros turnos não vão dizer a mesma coisa?

E estava decretada a sentença. Agitação na sala. Pagar cada parafuso, e a preço de castigo. Se já "é duro pagar pelo pão que já foi comido", quanto mais pagar pelo pão que sumiu sem ser comido! Tragicamente, dia seguinte, quando foi publicada a lista de "alunos com contas a pagar", coube a Bornito Hamuyela a maior fatia do bolo, a parte de leão, por se ter sentado na carteira mais danificada, portanto, no lugar errado, ele que nem se fizera presente no momento das escaramuças que provocaram danos, agora era ele a servir de cobaia à frase "paga o justo pelo pecador". Para todos os efeitos, a sentença provocou uma onda de reclamações e revolta na turma, mas não passou disso, pois, era a direcção que tinha a faca e o queijo. Tudo que foi possível fazer foi criar ódio, aquele ódio inerente a quem não tem poderes de reacção. Conforme diz ainda o Velho Livro: "A mera opressão faz o sábio agir como doido".

V

-Então? Para onde, meu? – interroga Elias.

-P'ra a escola, meu-responde Bornito.

-Oh! Estás a "amarrar"? -Faz aquele com alguma surpresa expressa na face.

-Com certeza. - Responde Bornito, lacónico.

-Onde?

-Na Escola Secundária de Finanças.

Elias era um velho amigo de Hamuyela. Raramente se viam, apesar de viverem na mesma zona habitacional. O outro concluíra já seus estudos secundários numa escola profissionalizante. De estatura baixa, pele escura, dentes brancos e salientes e, apresentava sempre um sorriso nos lábios como se a palavra "problemas" não fizesse parte do seu vocabulário. Bom em dar trabalho à língua, não era pessoa que se contentasse em escutar os outros. Ser espectador não era positivamente o seu forte, preferindo sempre ser actor, pois claro.

Regra geral, Elias chegava junto de um grupo em conversa, assumia um ar atento, escutava somente até apanhar o ponto e quando tomasse a palavra, já ninguém mais falava. Fosse qual fosse o assunto em debate, ele sabia de tudo, *também estive lá; é certo*; dizia sempre, para início de conversa. E mais: usava e abusava de gírias e calões. Por causa dessa atitude, os amigos tratavam-no por Profeta, tal qual o homónimo das Escrituras Sagradas. Alguém, certa vez o chamara à atenção para que aprendesse a escutar, porque - explicara - "não é em vão que o homem possui duas orelhas, mas apenas uma língua". Debalde. Pedir-lhe semelhante coisa seria o mesmo que pedir a um pássaro que parasse de voar!

-Eh, vocês estão lixados! – Disse Profeta. - Aquilo lá é escola para os mulatos e filhos dos grandes, a elite, entenda. Trata-

se de Finanças, a gestão e administração de recursos escassos, isto é, o dinheiro, *the money, l'argent, a grana*. Dinheiro é poder. Quem fala em poder, fala de poder económico, fala em ter kumbú! E quem tem esse poder, senão eles? *Ahn*, responde! Você acha mesmo que eles vão querer que vocês, os tais candidatos a especialistas em economia e finanças, venham a ter esse poder, para a seguir passarem-lhes à frente ou com eles competir? E mesmo que se safem, quem vos vai empregar com o curso médio em Finanças? Os Bancos? Já viram um Banco a promover concurso público de facto? Quantos *bumbus* você pode contar num banco? Vão perder o vosso tempo. Estando nesse tipo de formação, o vosso futuro é incerto, só para não dizer, escuro! resmungo Elias filosoficamente e acrescenta. - E para piorar aquilo lá é lugar dos corruptos. Vocês não vão conseguir transitar sem meterem a mão nas algibeiras. E ainda vão encontrar aqueles professores que trarão compilações de matéria para vocês comprarem. Ai daquele que ousar reproduzir, vai arranjar complicação no lugar de compilação!

-Não é bem assim, o aproveitamento depende do engajamento de cada um, não é questão de raça nem *status* - contrapõe Bornito Hamuyela.

-Estás equivocado. O que fala ali se não for a cor da pele é o *money*. Estás na escola dos corruptos e das luzes que não brilham. Há luzes sim, mas das trevas porque vocês vão adquirir conhecimento, se conseguirem, continua Elias para aplicarem na escuridão, quer dizer, em nenhures! E além de mais, sem dinheiro não tens hipóteses, pergunte aos que por lá passaram! Com tudo isto vale a pena o esforço?

-Isso... Talvez naquele tempo - diz Bornito, céptico relativamente ao que acabava de ouvir, defende-se. - Consta que a Direcção é nova, recém-indicada e certamente vai querer mostrar o que vale...

-Mas os traficantes *de notas* ainda estão lá e eles é que estão directamente com as vítimas, tu verás...hum, olha lá quem vem aí! - interrompe-se Profeta.

-Filomena! Uma gata e pêras! - Diz Bornito seguindo com o olhar

a direcção do dedo do outro. - É o tipo de *gata* que pode, de sobra, provocar um ataque apoplético a alguém!

-É muito mais do isso - concorda Profeta observando também a rapariga visada. Entrementes a garota referenciada aproxima-se. Realmente era bem-dotada de pormenores físicos: pele clara, um sorriso matreiro, capaz de amolecer até o coração de um ministro, alta, esbelta, enfim, uma autêntica brasa!

-Bom dia *fofuchos!* - Saudou com entusiasmo, conforme fazia habitualmente.

-Olá, bons dias, garina - foi a resposta mais audível, enquanto a outra voz era completamente obliterada.

-Aposto que já estão a falar sobre mulheres!

-Nada disso - rejeita Profeta. - É que aqui o nosso comum amigo está ensaiando a escola de Finanças e eu estava explicando-lhe que aquilo não é para *bumbus* e *pés-descalços* como ele. E já agora, tu também andas por lá, não?

-Bem, vocês estão exactamente diante de uma das vítimas dessa escola - diz Filomena com melancolia.

-Afinal estás lá ou não? - Insiste Profeta.

-Acabo de mudar de ares em pleno 2º ano e tudo isto, querem saber porquê? Para evitar um pulha de professor. O tipo é de Matemática. Desde o princípio do ano escolar que não parava de assediá-me; chegou até ao ponto de dizer-me que se não cedesse aos seus caprichos seria o mesmo que dar adeus ao ano escolar. Então para evitar esta morte prematura preferi mudar de escola.

-Infame - diz Profeta. - Ouviste Bornito? Bem te dizia,

essa escola não presta. Além de vos tirarem o kumbù, levam-nos também as mboas!

-Calma meu amigo, não estás a confundir a escola e as pessoas da escola?

-Evidentemente que não. Quem faz a coisa acontecer é o indivíduo ou a escola? É bom teres em conta o que ela está a dizer. -Diz Profeta, olhando o amigo bem na cara.

-Nesse caso, é grave o que vocês estão a dizer, se for verdade, é claro. - Diz Hamuyela como que a reflectir, cara virada para o chão, dedo no queixo. - Mas... Filomena, não poderias apresentar queixa a quem de direito, para que se fizesse justiça?

-Ah ah ah! - Rise Filomena. -Justiça, nesta terra? Ah, ah, ah, não me faças rir Bornito! *Eles* são todos farinha do mesmo saco. Não ouviste falar daquele caso de pedofilia nas fazendas? Que justiça foi feita? Quem foi que respondeu em juízo? Sabe-se que foi aberto um inquérito, mas qual foi o resultado? Nulo! Eles são todos coniventes uns dos outros. Já ouviste falar também daquele professor de História que dizia: "As alunas que tiveram negativa devem vir à minha casa para *terem explicações* ou devem ligar para mim"? -prossegiu ela, enrubescendo. -Ninguém lá foi, e no fim todas bateram na rocha! Denunciaram e não saiu nada!

Mais pessoas se juntam ao trio formado. Uma delas comenta solenemente:

-Pois é, fazem as leis mas parece que eles mesmos ficam isentos quando se trata de observá-las.

-Estou a ver...-Acrescenta Bornito, pondo mais água quente na fervura: - Ouvi falar de um que não dava toda matéria, deixava sempre alguma coisa para a "explicação", e aí de quem não fosse lá e com grana, evidentemente!

O grupo comenta ainda enquanto vão se separando. Como abelhas, primeiro um, depois outro, outro a seguir, até ficar Profeta que também se põe em marcha. Segue seu rumo, como os demais.

* * *

-Estou bastante decepcionado convosco. Num conjunto de quarenta e tantos alunos, apenas menos de dezena conseguiu ter nota positiva! - Diz o professor de Língua Portuguesa, olhando para o volume de provas em cima da secretária.

-Aquele exame *foi complicado*. - Afirma o chefe de Turma, no seu habitual português machucado.

-Como complicado, se a matéria toda foi estudada! -O professor tem razão, é que não está fácil, muitos de nós somos trabalhadores-estudantes, arrimo de famílias...- Replica Rosalina, uma das mais adultas da turma.

-Vocês já são adultos e precisam de fazer muito esforço. Estudar nunca foi fácil porque se assim fosse não haveria analfabetos! Mas notem que a máxima nota foi de 16 valores, isso prova que alguém está a estudar como deve ser.

-E quem tirou essa nota é homem ou mulher? -Pergunta Hamuyela à espera duma resposta que confirmasse a superioridade do primeiro ser criado por Deus.

-Quem é que se chama Bornito Hamuyela? -Interroga-o professor, com o olhar rodeando a sala.

-Eu...aqui! - Diz Hamuyela, ele mesmo surpreso, numa bela demonstração teatral enquanto todos as cabeças se viravam em sua pessoa. Ele, o homem do dia! Quem diria que o aluno a colocar a questão, era exactamente o contemplado? Hamuyela sorria, sorria um sorriso amarelo, por entre murmurinhos da classe, dedos e

narizes apontados na sua direcção. Aqueles murmúrios soavam-lhe como música, boa de se ouvir.

-Ah, afinal és tu? Parabéns pela nota, 16 valores! -Retruca o professor e continua: -Por exemplo na frase, "Angola é um país grande e belo", classificando morfologicamente o vocábulo "Angola", alguns alunos mencionaram-no como adjectivo! Isso é muito triste. Aluno do ensino secundário! Afinal o que vem a ser um adjectivo? - Questiona.

-Adjectivos são palavras que qualificam e caracterizam os substantivos. -Respondeu com segurança Bornito, olhando bem nos olhos do professor fazendo jus à nota e continuou enquanto a turma se mantinha boquiaberta: -Por exemplo, na frase citada, os adjectivos são: *grande* e *belo*. Foi a cereja no topo do bolo. Os colegas observavam-no como se ele fosse um Alberto Einstein ou um Andrei Shkarov em pessoa, isto depois de deixar um compasso de espera. A sua táctica predilecta: antes deixar espaço para os outros e só quando ninguém se manifestava é que ele tomava a palavra, para "criar efeito", conforme gostava de dizer. O efeito da resposta criou-lhe uma au-réola que não mais acabaria, até ao fim da formação.

-Sim, senhor Bornito, bela resposta, estão a ver? A nota é justa, contra factos não há argumentos! -Diz o professor, enlevado. - Vocês devem fazer como ele; um aluno deve ter sempre a matéria bem actualizada. Anda ele estudando, vê-se, e o pior é que temos alunos que nem o próprio nome sai como deve ser, o próprio nome meus senhores!...em pleno ensino secundário. A aluna Maria de Fátima por exemplo, entende que o vocábulo... -interrompe-se o professor. - Diz-me, Fátima, como classificas morfologicamente a palavra "amor"?

-Amor é verbo! -responde esta, triunfalmente, mirando a cara do stor.

-Ah é? Agora conjuga-o no presente do indicativo. Fá-

tima chegou mesmo de abrir a boca, talvez pretendesse dizer, "eu amoro, tu amoras"...mas calou-se, indecisa.

-Então, vai ou não vai? -pede impaciente, o professor.
-Senhor professor, parece que não é verbo.

-Claro que não é! Como é que uma aluna pré-universitária pode cometer essa heresia, essa barbárie? Melhor é ficar por aqui, meu coração sangra internamente só de ouvir tamanha besteira diz o mestre enquanto arruma sua bagagem. Abatido, lia-se angústia no seu rosto. Aula terminada.

Enquanto isso Hamuyela pensa:"quem diria hein"? Ainda estou em forma não obstante os anos em que fiquei parado, ainda mostro virtuosidades...", e desta forma ia ganhando especial atenção por parte dos professores e colegas. Ele matu-estava de si para consigo que afinal a melhor maneira para granjear o respeito no seio do colectivo era possuir boa *bagagem* de conhecimentos e bem actualizados, mas isto não era tudo! Imprescindível era revelá-las, fazendo jus à afirmação "talentos lentos escondidos não constroem reputação". Assim ia adquirindo do cada vez mais projecção, um *barra*, como se dizia no meio académico. Cada vez mais, colegas procuravam sentar próximo dele, especialmente em testes. Colegas procuravam rever a matéria com ele, alguns para beberem experiência, outros tão somente para "sugá-lo", qual parasitas da ciência. Até aquelas garotas que não o ligavam à mínima, agora procuravam fazer aproximação, porém Hamuyela encarava-as de revés, com reservas, porque já possuía abundante experiência no trato com tal tipo de gente, baseando-se em factos do passado. Pessoas que se fazem de amigas no momento em que precisam de muletas, mas que quando terminasse o ano escolar e já com objectivos alcançados, voltavam à indiferença, fingindo que não o conheciam. Para mais, ele dizia orgulhosamente que não estava se esforçando para encher o pecúlio dos preguiçosos...que havia camaradas demasiado astutos.

Em exames, uma ajuda daqui outra dacolá...E no fim alcançam boas notas, quase sem carga nenhuma na massa cinzenta, obtendo por vezes a melhor nota da turma. Os colegas replicavam dizendo:

-Queres transitar sozinho, não é?

* * *

O percurso académico estava na recta final, as coisas pareciam mais complicadas para todos os alunos. Os problemas multiplicavam-se. O risco de circular na noite, as matérias que se tornavam cada vez mais complexas, a sustentação financeira da formação...muitos ficaram pelo caminho. Nem tudo é para todos. Hamuyela regozijava-se em ser um dos resistentes.

-Oi fofo, convidamos-te a vires no nosso estudo em grupo. Trata-se de um team bem fixe, topas? - Diz Celina, uma bela moçarra, para Hamuyela.

-Se for para amanhã não poderei, estarei trabalhando - responde este sabendo de antemão que seria mais o grupo a contar mais com ele, que ele a contar com o grupo. -Em todo caso qual é a cadeira em vista?

-Geografia Económica - responde Celina. -Vem só fofo...sem ti, peça fundamental, a coisa não tem piada, a gente vai te preparar um lanche bem recheado!

-Não, não vai dar faz Bornito enquanto pensa, "fofo é agora que estás encravada, depois de tudo terminado serei poeira", mas, acrescenta - essa disciplina até é boa!

-Seria, só que a professora falta tanto, que estamos a apanhar do ar! Noutro dia por exemplo, estava ela tranquilamente sentada na Sala de Professores, vendo televisão e nós à espera em vão, nem apenas uma desculpa do tipo "estou doente, não posso dar aulas". E já agora, disseste: "não, não vai dar." Lembra-te do que disse o professor de Estatística, que o não do não é sim, teoria da negação, hein! Então terás de aparecer mesmo -diz ela com um olhar sedutor. Devia ter sido o mesmo tipo de olhar com que Eva brindou Adão, para convencê-lo a comer a maçã do início das dores da humanidade, lá nos tempos da Criação. Um olhar como só elas, as filhas de Eva, sabem fazer. Olhar capaz de neutralizar toda e qualquer recusa num macho. Um olhar de mulher, o da Celina. Hamuyela concordou que estaria disponível, sem falta, que viria, que esperarem no local definido. As mulheres vencem sempre ou quase? Dia seguinte estava o grupo reunido debatendo os mais diversos assuntos de Geografia Económica, falava-se acalo-

radamente, as mulheres, como sempre, elevando mais e mais as vozes até ferirem os tímpanos dos demais.

-Ei pessoal, alguém pode explicar o que é isso de teoria malthusiana? - questiona Celina.

-A tal teoria é de Malthus e nela o nosso homem defende que se deveria interditar a procriação aos indivíduos sem recursos, porque ao fim e ao cabo seria a sociedade ou Estado a assumir os rebentos, ou aumentando ainda mais a pobreza na família, por carência de recursos! - Assegura Afonso.

-Queria então ele dizer que os pobres não deveriam ter o direito de conceber? - Quer saber Kambinda, o matulão.

-Exactamente. Ele entendia que se deveria restringir a taxa de natalidade porque regra geral, o crescimento populacional é superior às subsistências que o planeta produz e dispõe. Quer dizer, mais gente, menos comida e cada vez mais pobreza.

-Mas o Criador disse "ide e multiplicai-vos..." - contesta Bernadeth, uma aluna conhecida pelo seu elevado grau de religiosidade, aliás, sendo madre...

-Tens razão Irmã -diz Alegria. -A Bíblia não diz: "ide e multiplicai-vos, só se houver comida! Isso quer dizer que o próprio Jeová sabia das potencialidades da Terra em satisfazer as necessidades humanas.

-Estou plenamente de acordo. Se há carência alimentar, o problema está na má distribuição de alimentos -confirma Bornito e continua: -Li algures que uma criança do Ocidente consome diariamente a mesma quantidade de comida consumida por três adultos no Oriente, imaginem! Sem esquecer a quantidade de alimentos deitada fora por desperdício ou por o prazo de validade estar vencido. Moral da história: enquanto existe alguém a deitar fora a comida, outros estão morrendo de fome!

-
Então, além da má distribuição, devemos ter também em conta o egoísmo. - Diz a Irmã, conforme era tratada.

-E as políticas económicas. Importam-se mais bens supérfluos do que aquilo que a população realmente precisa - acrescenta ainda Abel Kassule, o craque em Inglês.

-Bens supérfluos, o que é isso? - Interroga Domingas, sem vergonha de revelar sua ignorância.

-Supérfluos, quer dizer, aquilo que sobra, o que é inútil, o que não é essencial, importar por exemplo carros de luxo exemplo, enquanto o filho do Pepé nem pão p'ra levar à escola, como diz aquela música - responde Bornito mostrando que também era homem de cultura e pergunta: Conhecem-na?

-Estou a ver, *háka!* -Admira-se Domingas, pelo esclarecimento, olhando-o fixamente enquanto cismava"este homem sabe muito, foi bom tê-lo convencido a vir". E continua. -Pois é, em tanto luxo na miséria, até importam-se Lexus para os deputados, os queridos"parlamentares" que nos representam...

-Verdade verdadeira, o que se podia fazer com o dinheiro do povo aplicado em tal marca de viatura, vocês nem imaginam! - Assegura Limão, um militar da Força Aérea.

-Ei pá, falando em deputados, sabiam que num certo país oeste-africano, na época da austeridade económica os deputados chegaram de receber salários sob forma de quilogra- mas de arroz ao invés de dinheiro? -Interroga Afonso.

-É o que se chama, pagamento em espécie - explica Alegria, até então mero ouvinte.

-Bom exemplo para a nossa realidade, enquanto desperdiçamos recursos para premiar as *misses* por terem mostrado as *bundas!* - Critica a Irmã.

-Nada disso! Os automóveis que são oferecidos às misses são patrocínios dos empresários comprometidos com a causa, a causa patriótica!

-Ah é – retruca Hamuyela –quem to garante? E mesmo que seja assim, eles não recebem nenhuma contrapartida? O grande Lênine disse que os homens de negócios não são filantropos nem bobos. Ao investirem os seus capitais estão à espera de retorno!

-Outra maka são os trabalhadores-fantasmas que os chicos-espertos inserem nas folhas salariais, causando grandes prejuízos para a maioria e inocentes. – Diz Kambinda.

-Final donde vem o fantasma? -Quer saber Celina com dedo no lábio inferior.

-Ninguém sabe – responde Abel Kassule. – Por isso é que é fantasma, nunca tem rosto mas uma coisa é certa: se formos à Comarca prisional não encontraremos nem o *fantasma-pai*, nem o *fantasma-filho*! Não se sabe onde estão e como assim é, não podem ser culpabilizados!

-Eu creio que - reforça Bornito – o *fantasma* deve ser encarado como extra-terrestre, por conseguinte, conhecê-lo não está ao alcance de meros mortais, é preciso ser mais do que isso e como nós, aqui presentes, ainda não somos imortais... mas, vocês estão muito engajados em Geo-economia, esquecem-se da Matemática? - Questiona Hamuyela, o Bornito.

-Matemática deixou de ser preocupação, pelo menos para mim. Anteontem o *stor* apareceu na turma e disse:“Quem quer evitar problemas deve vir à minha casa ou deve ligar para mim”. Até já forneceu o terminal telefónico. – Esclarece Fátima, uma mulata sempre sorridente.

-Eu já sei onde é, também já estive na casa do professor de História Financeira, sabem, a casa dele é tão despro- da que só se vê estátuas! - Revela Celina.

-O que foste lá fazer? - Pretende saber Sapalalo, maliciosamente.

-Ele é quem me chamou. - Explica ainda Celina, uma ninfa baixa e forte.

-Chamou-te ou você é que foi lá se oferecer? - Incisivamente interroga Sapalalo. - E como é que você conheceu o estábulo do senhor *Pitágoras*?

-Estábulo não, olha lá o respeito! O que aconteceu é que, certa vez ele caminhou comigo e em conversa foi dando o seu endereço. - Explica ela. - Há algum mal nisso?

-Calma aí, ele caminhou contigo ou você é que caminhou com ele? - Faz ainda Sapalalo, meio incrédulo, parecia estar com ciúmes.

-Deixa lá de ser chato, até pareces um polícia! - Retruca Celina enojada, irritada.

-Pois é, vocês, as mulheres, nunca perdem uma oportunidade! - Diz Sapalalo, sarcástico e acrescenta. - Depois queixam-se que o *prof* é cozido, que é assado, quando são vocês que provocam. Lá diz aquela música dos Almeida: "Coitado do professor /ou vai dar aulas / ou vai ver o filme que está à *nduta*"! Não basta o *kumbú* que eles vos chupam ainda têm que...

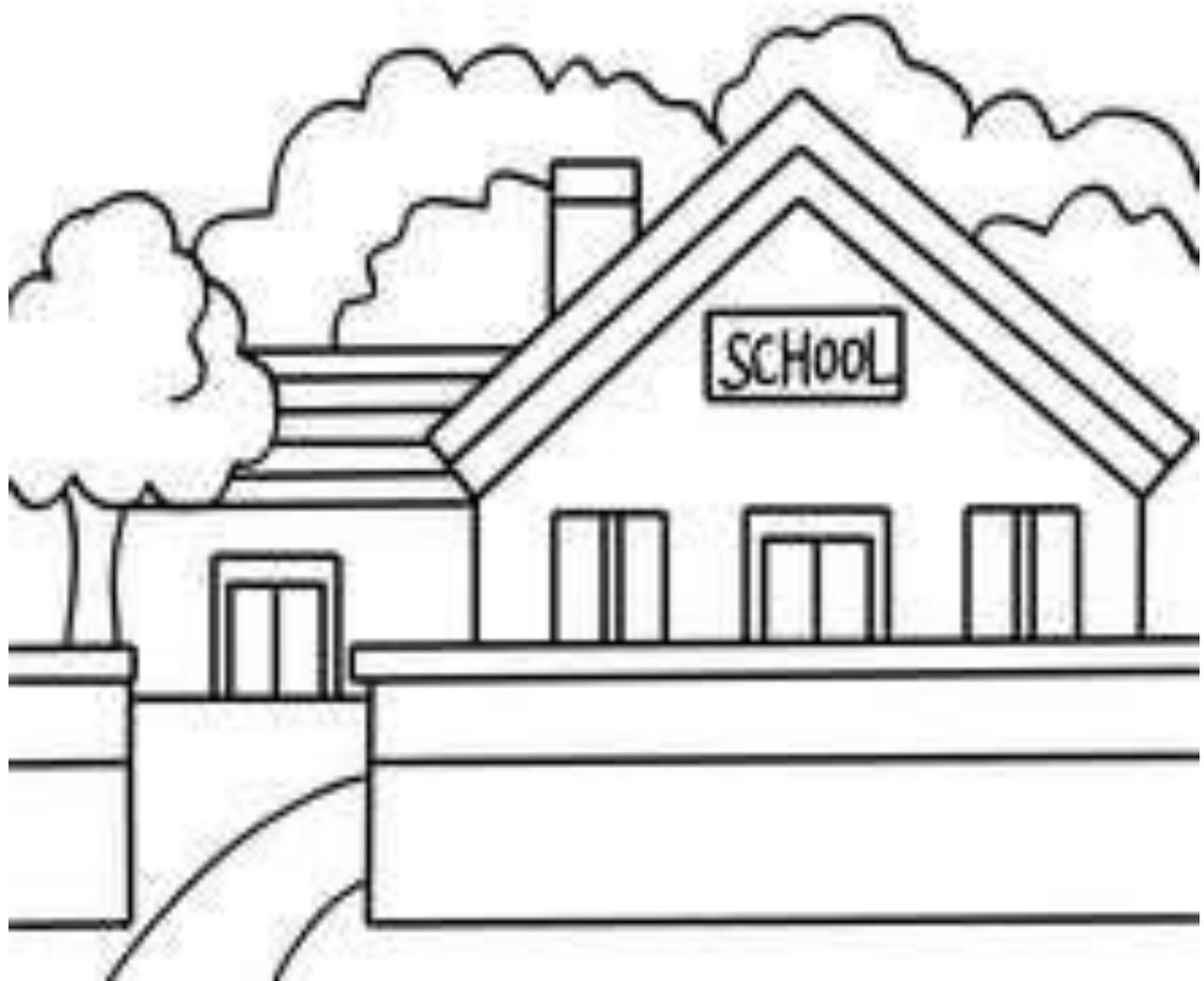
-Seja como for, por mim, nenhum *prof* desta escola vai conhecer a cor do meu dinheiro. - Desabafa Leonardo Bambi, um rapaz com muita firmeza de carácter.

-Estou contigo, meu rapaz. -Afirma Bornito, pondo fim ao debate. - Não há corrupto sem corruptor. Sim, antes, lutar, batalhar honestamente, até à vitória final e não será a primeira vez. Aquele que quer resultado sem esforço não irá longe.

-Xé, só o discurso, isso é que é falar! Quem fala assim não é gago! - Aplauda Domingas.

Bornito lembrava-se perfeitamente da disciplina mais temível que até então tivera: Estatística Indutiva. Durante todo o ano lectivo não tivera uma única nota positiva. Fez o exame de Recurso, nada. *Transportou* a cadeira. Enquanto decorria o ano académico presente, foi revisando tal cadeira de tempos em tempos, não podia com coisa séria brincar, esperando pelos exames Especiais que decorriam uma vez por ano.

Quando faltava um mês para o tal Exame, redobrou de esforços, duas horas por dia só em análise de Estatística! Os outros haviam-no convidado a uma sessão de explicação fornecida por um suposto *barra na matéria*, paga naturalmente, mas ele, não querendo gastar dinheiro à toa, recusara. Exame realizado, obteve a melhor nota, ao passo que muitos que "foram à explicação" haviam chumbado!



VI

Vislumbrava-se o final do curso. Um curso que para a maioria foi espinhoso, com curvas e contracurvas. O momento era de preparar os exames. Grupos de alunos cruzam-se pelas artérias da urbe. Alguns à procura de grupos de estudo, outros ao encontro de "canais", consequência de insegurança quanto ao sucesso escolar. Se o processo não correu lá muito bem, era imperioso procurar soluções paliativas. Outros ainda correndo ao encontro de professores para *explicações* adicionais. Cada um usa as armas ao seu dispor. Corriam rumores de que com o professor de tal e tal, ou se vai à explicação, coisa paga como é bom de ver, abusivamente chamadas de "participação", ou simplesmente o aluno não tinha chance de sucesso, caso de pegar ou largar.

Hamuyela pôs-se, ele também, a caminho, com o para o propósito de chegar ao ponto de encontro. Local combinado para o estudo em grupo, o seu grupo. Instantes depois encontrou mais um trio de colegas. Parecia que todos estavam muito ansiosos com o final do ano acadêmico. Mais do que partir bem é chegar bem. Caminhando, vislumbraram Domingas, sua colega preferida e companheira de luta nos quatro anos de formação, com livros na mão. Domingas era uma jovem de vinte e dois anos, elegante, alta, mas não muito estreita, pele absolutamente lisa, um sorriso encantador, embelezando seu belo rosto embora fosse muito simples. Era tanta beleza junta que se diria fabricada a régua, esquadro e compasso. Só de vê-la muita gente ficava de boca aberta. Apesar disso, era de difícil acesso, uma barreira intrasponível. Apresentava ainda uma característica que a particularizava: nunca usava calças. Facto raro entre as donzelas, tão obcecadas à última moda. Domingas, por que é que tu nunca vestes calças, perguntara Bornito certo dia. O pai não deixa, para ele, calças em corpo de mulher é roupa demoníaca, fora a resposta dela. Muito bem, é menina ajuizada, considerara Bornito Hamuyela. Haviam ingressado naquele estabelecimento de ensino no mesmo ano e por coincidência, sempre estiveram na mesma turma, suportando idêntica gama de peripécias, em conjunto compartilharam alegrias e tristezas, valendo-se mutuamente quando houvesse dificuldades. Cada um sabia que podia contar com o outro. As dificuldades conjuntas irmanam as pessoas. Haviam estabelecido uma amizade fundada no respeito e consideração mútuos, não se interferindo nos assuntos

privados um do outro, não se invadindo privacidades não-obstante a cumplicidade e ainda assim, lançando-se remoques...inofensivos. Domingas atirou uma saudação geral, mas Bornito particularizou:

-Olá Domingas, *ufeko wa fina, uandele pi?* - Provocou, apesar de saber perfeitamente que ela não percebia patavina da língua umbundu.

-Oh, Deputado (era assim que ela gostava de o tratar) Bornito, estás bem? Não te entendi!

-Eu disse, "*muhatu wa waba, wadijimbila kiebi*"?

-Pára de arreliar-me, agora que língua é essa?

-Esquece, mas estou assim-assim, não tão bem à Matemática! - Respondeu Hamuyela, conhecendo de antemão a proeza linguística da companheira.

-Também eu, já sei o que vai acontecer-me. Terei de fazer o exame de recurso. Dizem que o delegado da Turma está a recolher de cada aluno, 50 dólares, é a garantia para a prova correr sem sobressaltos, segundo o professor!

-Qual quê, - espantou-se Hamuyela - o *stor* não deixa cair mulheres! Daquela vez em que ele te disse para passares no seu gabinete aquando da distribuição da última prova, que foi que ele te disse?

-Ah, meu *kamba* - Diz Domingas com um suspiro de desalento. - É este o meu problema. O tal gabinete é a casa dele. O inactivo (termo que ela usava quando quisesse depreciar alguém) queria que eu fosse ao seu apartamento, se quisesse boa nota! Consegues imaginar o meu dilema?

-Estafermo! - Fez Bornito com nojo e ciúme mal disfarçado, felicitando-se pelo facto de a garota não ter ido à lábia do professor. - Nesta escola não há coisa que não acontece. E tu, que foi que lhe disseste?

-Eu? Respon-di-lhe que preferia ficar reprovada e fazer a prova de recurso, a cair nessa chantagem, então olhei bem na cara dele e mandei-lhe procurar outra. Expliquei-lhe ainda que se ele continuasse a perseguir-me iria contar tudo ao meu tio da Investigação!

-Boa atitude, bravo! Aprovo! - Diz Bornito com regozijo. - Garota valente *hein?* Não é fácil encontrar pessoas que agem assim nos dias que correm, és muito diferente, yá!

-Alguém tem de fazer a diferença. *No meio de tantos espertos, alguém tem de ser burro, não é o que tens dito? Ou é o contrário?*

-Nesse caso é mais o contrário - responde Hamuyela com o dedo indicador no queixo.

-Atenção aí - fez Abel Kassule, um dos mais visionários em Matemática, em defesa do corpo docente, nem todo prof é cara de pau, aliás, vezes há em que as alunas é que atizam os professores, ou, não é assim?

-Bem...- titubeou Rolanda, uma multa do *asfalto*, aparrando as unhas, - cada qual usa as armas que tem, nem todos são *barra*, Matemática então...falando nisso, um dia estávamos na cantina, a Daniela, o Leonardo, a Fátima e eu, então vimos o professor de Matemática a passar. Pedimos ao Leonardo que o convidasse para se juntar a nós e beber um refresco, sabem qual foi a sua resposta? «Já bebi bastante água em minha casa!», e se *mandou* sem um "obrigado" sequer...

-Pelo menos não estive como o de Introdução ao Direito que naquele sábado, aquando da prova, algumas colegas deram-lhe umas notas e pediram-lhe que fosse à cantina beber algo - lembrou Rufino Sukwakweche, com um sorriso no canto da boca. - Não é que ele foi mesmo! Deixou-nos livres, só não aproveitou quem não quis! Mesmo assim - acrescentou - alguém teve nota 3!

-E então, para onde vão? - Pergunta Domingas.

-Bem, estamos em *cooperação internacional*. Nós, os que não temos jeito nem recursos para comprar acções no invisível mercado de influências, precisamos de contar uns com os outros, juntar as nossas próprias forças. Sinergia é a palavra apropriada, estás a ver, para se puder superar essas dificuldades. Queres juntares-te a nós? - Pergunta Bornito com candura.

-Quem são os outros?

-O Limão Kamundongo, o Alegria, o Cambinja, a Helena e nós, aqui presentes.

-Boa gente - diz Domingas. - Acho que posso enquadrar-me. E que tal correu a prova de ontem, a de Gestão de Recursos Humanos?

-Essa disciplina não me abrange, já a eliminei, mas constou-me que não foi realizada porque o Director guardou-as no seu gabinete e nem se fez presente na escola, pelo menos na hora prevista (risos). Se provas de Exames que são papéis, ele guarda dessa maneira, imagine-se como é que ele guarda o arroz lá em casa! (Agora, gargalhadas).

-Dá para rir realmente! Então provas também são propriedade privada? Aqui também! Já é de mais...repare que até agora estou sem notas de Geografia, cadeira do primeiro ano - explica Domingas, amargurada.

-Como é que isso aconteceu? - Pretende saber Hamuyela, o Bornito.

-Sabes como é que são as coisas nestas paragens: notas que não são lançadas nos cadastros, provas realizadas que desaparecem, "cantinhos" de folhas de provas que se evaporam, provas que surgem no mercado antes mesmo da sua aplicação, não

se sabendo como. Cadastros que desaparecem... -Continuou Domingas. - Simplesmente incrível! Noutro dia vi uma moça junto à Coordenação, a chorar, e sabem porquê? -Interroga Domingas, elevando cada vez mais a voz dolorosa. -Porque descobriu que sua nota de Estatística não fora lançada no cadastro, mesmo depois de ter feito a prova com muito suor e a nota obtida até era boa. Cadeira de Estatística, que não é de brincadeira! Aconselharam-na a repetí-la. A jovem não se conteve e desatou em prantos. Uma linda moça a chorar em plena escola! Podes imaginar o desespero. Repetir uma prova, de- pois de mil e uma dificuldades para superá-la. É chato! - Diz Dmingas num gesto de indignação e nojo simultaneamente.

-Pura verdade, e há pelo menos dezenas de alunos com problemas desse jaez. Dá para ver que estamos travando dois tipos de combate: um académico e outro de fórum administrativo-Corroborra Hamuyela e pergunta. - Já ouviste daquele tipo que estando no 3º ano, subitamente, num belo ou talvez feio dia, chega à turma e uma "comissão" *ad hoc*, e pergunta quem é fulano, ele apresenta-se e convidam-lhe a recuar para o 1º ano, porque alegadamente, ele não havia eliminado todas as cadeiras!!!

-Que horror! E como é que ele pôde ter chegado ao 3º ano e só depois é que lhe dizem isso? - Resmungo Alegria então, ele retrocedeu de classe?

-Não. Preferiu desistir. Há quem diga que se mudou para outra escola, começando do princípio, é claro! Mudando de assunto, como sabeis, não temos *teacher* de Metodologia e agora dizem que ontem apareceu uma professora, apresentou-se como senhora da disciplina, remeteu um fascículo para que se fizesse cópias, depois lermos e daqui a quatro dias é exame. Ela diz que não há tempo para mais delongas.

-Isso é que é estudar. Cadeira de um ano lectivo estudada em quatro dias! - Desabafa Domingas. Um desabafo seguido de um muxoxo bem sonoro.

-É a triste sorte, mana. E quanto à nossa cooperação? Alinhas mesmo ou não?

-Alinho, claro, sobretudo porque confio em ti, na tua capacidade...-Diz Domingas, matreira.

-Não te preocupes. Tenho comigo a estrelinha de campeão; no lugar onde fico a vitória é certa assegura Bornito Hamuyela confiante.

-Então, está combinado, *tchau*, amanhã estaremos juntos.

-*Yá, tchau*, até depois - diz Hamuyela enquanto cismava: "se eliminar a cadeira que me falta, serei o homem mais feliz do planeta, até iria fazer um grande sacrifício por isso, como Abraão, o pai da fé".

Era sempre assim: diante de um grande obstáculo, aplicava muita ansiedade e querer, mas depois de vencê-lo, aquela ânsia sumia, como se tal vitória fosse coisa banal. Relaxava e com isto sumia também a promessa devida ao Olimpo. O supremo dos deuses. No desespero promete-se tudo.

VII

Hamuyela dirigia-se ao estabelecimento de ensino no firme propósito de ver a pauta do exame de Recurso de Matemática; a última nota que lhe faltava para dar por concluído o seu curso. Nestes últimos tempos não dormira convenientemente, nervos à flor da pele. Ele tinha de transitar naquela cadeira. Seu futuro dependia disso. Precisava mudar de ares, elevar o seu *status*. O *métier* que exercia não o motivava. E para mais sonhava com a universidade. Com a cabeça cheia de planos para o futuro, sonhava. Enquanto se aproximava do edifício, seu coração batia cada vez mais forte, receio de ter fracassado. Se no princípio da epopeia o receio era de não ser admitido, isto é, de não entrar, agora era o de não sair! As voltas que a vida dá. Marchando, evitava colegas que ia obrigando, para não lhe anteciparem uma possível má notícia, quais arautos da desgraça, antes ver por si próprio. Chegado ao edifício escolar, rápida e ansiosamente foi passando em revista as diversas pautas à procura daquela que lhe interessava. Por entre empurrões, pois, outros alunos iam fazendo o mesmo, saltitando, gritando, alguns, sinónimo de sucesso; outros com aspecto moribundo, indicativo de fracasso. Na azáfama, ninguém reparava em ninguém, cada qual preocupado com o seu dilema. Bornito acabara de localizar a pauta que lhe dizia respeito.

A tremer, seguiu com a vista a listagem. Deu de caras com o seu nome. Havia sido transitado! Uma alegria incomensurável invadiu todo o seu ser. Quis saltar de contentamento como os outros, mas conteve-se. Era um grande passo na vida, embora houvesse um senão: conhecendo aquela escola conforme a conheceu, era bom esperar pelo Diploma, para que a vitória se tornasse completa, oficial.

De outro lado, uma aluna exultante dirigiu-se a um professor:
-Bom dia, senhor professor! - Saudou efusivamente.
-Olá menina! - Diz este, lacónico. Aliás, era bem conhecido pelo seu jeito reservado. Dir-se-ia que guardava as palavras para momentos importantes.

-Domingo passado vi o professor a sair do hospital - insiste a aluna, querendo mais encontrar motivo de conversa que preocupada com a saúde do professor. - O senhor está adoentado?

-O facto de um indivíduo sair do cemitério, não significa que esteja morto, ó aluna! - Retruca o professor com seriedade, mesmo assim, provocando risadas a todos quantos puderam ouvi-lo. Hamuyela conhecia o referido professor demasiado bem. Fora seu professor numa das disciplinas. Ele era dotado duma seriedade tal que nunca seria, regra geral, o mais que ele conseguia apresentar era um breve sorriso, tão breve que poucos notavam. Parecia estar sempre enervado, porém era um bom professor: responsável, exigente, um dos raros de que não se ouvia estar metido em esquemas de *gasosa*, enfim um verdadeiro formador. Para superar a cadeira que ele leccionava era mesmo preciso de muito engajamento, caso contrário não havia hipóteses nem vias alternativas! Mais ainda: tinha olhos na nuca. Mesmo de costas conseguia detectar cábulas, e quem fosse apanhado, precisaria de muito talento para transitar. E atirava cada piada, que resultavam invariavelmente em desconforto ao visado bem como risadinhas aos demais presentes, enquanto ele se mantinha sisudo. Nunca gastava suas energias para o efeito. Bornito lembrava-se de certo colega que tendo cometido um lapso num determinado exercício na lousa, o professor, depois de ver aquilo, no instante da correcção, olhou sério para aquele, bradando disse: 'meu caro aluno, isto não é um erro, é um horror!

* * *

Foi assim que Bornito terminou um longo, complicado e tortuoso percurso estudantil. Sentia-se felicíssimo, enquanto ia compondo e recompondo retrospectivas das batalhas que tivera de travar para chegar onde chegou. Lembrou sobretudo da hora de saída da escola, quase 23h, com escuridão de breu, atravessando ou seguindo ruas e atalhos por onde nem os cães ladravam, onde, em largos quilómetros não se via viva alma! Chegar a casa intacta, só com a graça de Deus conforme dizia.

Factos engraçados vinham-lhe à mente. Ria de si para consigo. Parecia-lhe que estava num sonho, afinal não perdera um só ano! Um recorde na sua idade, a idade de Cristo. Coisa que não sucedeu com muitos que ele conhecera, por sinal, muitos, mais jovens que ele, viu jovens que perderam um ou mais anos, alguns até desistiram, desmentindo aquela doutrina da Psicologia segundo a

qual, quanto maior for a idade, menor a capacidade cognitiva. Pondo também em xeque a tendência da oficialidade em priorizar os de menor idade. Lembrara-se de ter lido um artigo desportivo em que se falava de um atleta dum certo país centro-americano, país em vias de desenvolvimento, que tendo participado numa prova de resistência, dum torneio internacional, apesar de ter ficado em último lugar e ter até sofrido volta de avanço de muitos outros, no final da prova dava largas de alegria! Quando alguém lhe fez notar que tivera sido o pior classificado, o homem não se fez rogado e respondera com determinação:

-Eu sei que fiquei em último, mas para mim, ter chegado ao fim da prova mais o tempo conseguido, pois batí o recorde pessoal e nacional, é por si só, motivo de alegria; só Deus sabe das dificuldades porque passei para chegar onde cheguei!

Bornito sentia-se igual àquele atleta. Por isso, o nosso herói, Bornito Hamuyela, estava também ele emocionado porque apesar de a graduação obtida ser apenas de curso médio, era uma obra a ter em conta. Ter chegado ao fim completo e inteiro, já era por si só um feito. Muitos não podiam dizer o mesmo. Ter chegado ao fim com aproveitamento constituía um grande, extraordinário feito. Considerou a simbiose da sua formação com a sua actividade laboral, as despesas inerentes ao processo, sair da escola altas horas da noite, tendo em conta os perigos adjacentes, a escuridão, guardião de todas as maldades. A isto juntou as dificuldades na interpretação de matérias, a desorganização na instituição de ensino... alunos a ficarem bloqueados na sua progressão sem como nem porque e dessa maneira terem de abandonar os estudos exactamente no penúltimo ano, contra a vontade, tornando-se figuras desgostosas, aniquiladas por causa de notas sumidas nesta ou naquela disciplina. Bornito Hamuyela achava honestamente que não obtivera aquele triunfo sozinho. Dava também graças a Deus e à sorte... paradoxalmente.

Lembrava-se que em Matemática I, sua média final seria negativa, mas encontrara positiva. Numa outra disciplina, teria de conseguir dezassete valores, se quisesse transitar de classe, realizada a prova conseguira exactamente tal nota, naquela que foi a sua maior epopeia. Só no final da Prova é que ouvira dizer que o professor solicitara uma *contribuição* a fim de que tudo corresse na paz.

Ganhara sozinho, sem *ajudas de custo*. O que mais lhe agradava é nunca ter precisado bajular ou de comprar influências, ter batalhado individual e honestamente.

Agora Hamuyela precisava obter seu certificado de fim de curso. Há já alguns dias que vinha "namorando" a secretaria pedagógica por entre um ror de gente, unidos e desunidos no mesmo propósito porque ninguém queria ficar atrás, ao mesmo tempo que se actualizavam mutuamente. Confusão geral. Ninguém concedia prioridade a ninguém. Um problema mais. Para ter o certificado! Burocracia e tanto. O pedido tinha de ser encaminhado à Coordenação do curso e, este por sua vez passá-lo à Secretaria, dessa para o Gabinete pedagógico, daí, de novo para a Secretaria a fim de os certificados serem batidos à máquina. Muita viagem mesmo. As pessoas resmungavam, outros berravam e outros ainda choravam quando se lhes dizia: "A tua situação é mais complicada porque..."

-A desorganização dessa escola não acaba mais! O meu pedido deu entrada há três meses! - Comenta alguém.

-Dizem que é preciso *contactar alguém* da secretaria pedagógica, dando uma *gasosa* para que tal pessoa priorize o teu documento - responde outro.

-Quer dizer que até para sair daqui é preciso pagar?! - Interroga-se outro, de mãos na cintura.

-Isto é para teres os teus papéis a tempo, se queres ingressar na função pública ou no ensino superior. Olha que nas Universidades o prazo está quase a vencer, portanto não tens lá muitas alternativas se fores honesto. Lembra-te da frase "no meio de tanta fraude até sinto vergonha em ser honesto"- aconselha Alegria, também ele metido no pandemónio. Hamuyela, ouvindo aquilo, achou que o caso já era de mais. "pagar pelo meu próprio documento. Um documento oriundo de muito trabalho e sacrifício. Um documento absolutamente legal? Isto é o mesmo que comprar a minha própria pessoa! Incrível!!!"- Cismou. Procurava encontrar soluções. Queria ingressar na Universidade. O tempo urgia e fugia. Enquanto saía da escola de mãos vazias, coração inquieto, ouviu

alguém comentando que se estava a duas horas do término do prazo de inscrições na Universidade. Ponderando tudo, era evidente que o ano lectivo estava perdido, não iria a tempo. Sendo assim, paciência, cogi- tou. Mais uma temporada a ver a banda a passar.

Quando por fim, depois de muitas semanas, o Certificado caiu-lhe finalmente nas mãos, não cabia em si de contentamento. Agora sim, é realmente o culminar de um longo percurso, numa autêntica travessia ao deserto, com muitas peripécias de permeio, monologava. Finalmente podia dizer que já não era mais aluno! Poderia então dizer: "Agora sou estudante". Algures, um aparelho com som estridente fazia passar a música "Swely" do cabo-verdiano Jhonny Lima, deveras uma linda melodia, das melhores que já ouvira, a combinar na perfeição com o seu estado de espírito, mentalmente invocou:

Longas caminhadas

O viandante está fazendo

Em poeirentas estradas

Seus pés o chão borrifando

Na areia restam pegadas

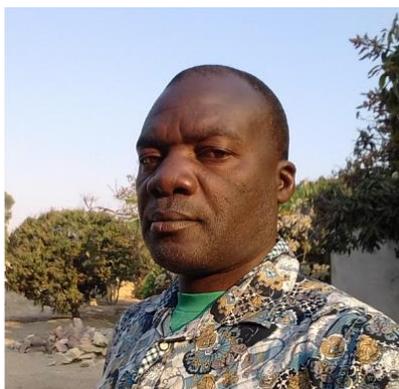
Breve, estarão terminando

Batalhas travadas

Dores deste mundo.

FIM

SOBRE O AUTOR



Eu, Ernesto Carreira Pedro, nasci aos 10 de janeiro de 1971, na província do Huambo, tendo como pais Rodrigues Ernesto e Helena Josefa Pedro. Iniciei os meus estudos primários no ano lectivo 1978/1979, concluindo a 4º classe, fim do então I Nível cinco anos depois. Acto contínuo ingressei na escola N'dala Kandumbu onde concluí o então II Nível (6º classe) na época 1986/1987.

Na época seguinte ingressei no Centro de Formação Profissional «14 de abril», anexo ao Instituto Industrial Pedagógico «Ho-Chi-Minh», curso de Eletricidade-Auto, tudo isto ainda no Huambo. Em 1988 mudei-me para a cidade do Lubango onde acabaria por ser incorporado nas FAPLA aos 27 de setembro de 1989.

Fiz a recruta no «Centro de Ensenaza Militar» comandante 'Raul Dias Arguelles', na comuna de Funda, município de Cacuaco, Luanda, passando posteriormente para o Centro de Instrução de Comandos (CIC), em Cassequé, província de Benguela, curso de Oficiais, especialidade de «Quadrículas», de Novembro de 1989 a Maio de 1990, tendo sido patenteado à patente de Aspirante.

Após isso, fui colocado na Zona Militar Bié, como Chefe do 1º Pelotão da 3º Companhia do Grupo Tático adstrito à 56ª Brigada de Infantaria Ligeira até Agosto de 1990. Em seguida, no âmbito de reestruturações do programa 'Novo Pensamento Militar' do exército, integrando num grupo de Soldados, Sargentos e Oficiais, fui enviado à escola de Oficiais «Nicolau Gomes Spencer», no Huambo para uma acção formativa de reciclagem. Depois da aludida formação fiquei colocado no Batalhão de Transportes Rodoviários (BTR) do Regimento de Asseguramento de Meios Materiais da Frente Centro (RAMM/FC) ainda no Huambo, como chefe de Pelotão de Transportes. Tempos depois fui promovido a chefe de

Companhia e simultaneamente à patente de sub-Tenente até que se deram os Acordos de Paz de Bicesse.

Ao abrigo desses Acordos fiquei acantonado sucessivamente no centro do Gove e depois no do Cruzeiro, período durante o qual fui promovido a 2º Tenente. Por vontade própria seria, no entanto, desmobilizado aos 24 de Setembro de 1992, sempre na província do Huambo.

Regressando ao Lubango, trabalhei na empresa de refrigerantes «FRASAL», de Maio de 1995 a Março do ano 2000, como Conferente ao mesmo tempo que concluía o então III Nível (8ª classe) na escola «27 de Março», curso nocturno. Nesta conjuntura fiz um curso de Chefe de Brigada Contra-incêndios promovido pelo Corpo Nacional de Bombeiros de Angola na mesma empresa.

Em setembro de 2000 empreguei-me na empresa FRIGOHUÍLA do Grupo SOCOLIL. No último trimestre do mesmo ano ingressei na Aliance Française do Lubango, a fim de fazer o curso de Língua Francesa. No ano seguinte matriculei-me no Instituto Médio de Economia do Lubango (IMEL), especialidade de Administração Pública, terminando com aproveitamento ambas as formações no ano 2006.

No ano 2004 fiz um curso de carpintaria-marcenaria pelo Centro de Formação Profissional do Lubango. No ano 2006 ingressei no ministério da Educação na categoria de Professor do Ensino Secundário, I Ciclo, colocado na Escola nº 505, bairro Bula Matady-Lubango como professor do ensino primário.

Em 2007 fui admitido ao Instituto Superior de Ciências de Educação (ISCED-Huíla), no curso de Linguística/Francês, curso diurno, vindo a culminar a parte curricular em 2010.

Em 2008, como docente, movimentei-me para a escola secundária «16 de junho», sendo colocado na escola secundária anexa «D. Altino Ribeiro de Santana» na Tchavola, onde trabalhei até o ano 2017 como professor de Língua Portuguesa.

No ano 2012 matriculei-me no Instituto Superior Politécnico Independente (ISPI) no Cristo-Rei, curso de Direito. Em 2016 obtive a Licenciatura em ambos os Institutos.

Em 2017 movimetei-me para o Liceu «26 de Abril» nº 1677,
vulgo' 'Logística'' como professor de Língua Francesa.

Lubango, 30 de Abril de 2022.

Hamuyela O Estudante

Autor: Eloy Handa Mayaya

EDITORA DIGITAL

"ÁGUA PRECIOSA"

Telefone: 923 407 949

Projecto gráfico

Belson Pedro Raimundo Hossi



Todos os direitos desta obra reservados a

Eloy Handa Mayaya

Este E-book está protegido por

Leis de direitos autorais na "**CPLP**" "**SADC**" e "**PALOP**"

=====

"CPLP" COMUNIDADE DOS PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA

"SADC" COMUNIDADE DOS PAÍSES DA ÁFRICA AUSTRAL

"PALOP" PAÍSES AFRICANOS DE LÍNGUA OFICIAL PORTUGUESA

Esta obra está sob uma Licença Commons.

Você pode copiar, distribuir, exibir, desde que

Seja dado crédito aos autores originais –

Não é permitido modificar esta obra.

Não pode fazer uso comercial desta obra.

Não pode criar obras derivadas.

A responsabilidade

Pelos textos, músicas e imagens

É exclusivamente do Autor.

